

**NATÁRIO, Maria Celeste; TEIXEIRA, António Braz; EPIFÂNIO, Renato (coordenadores). *O movimento fenomenológico em Portugal e no Brasil*. Sintra: Zéfiro, 2010**

O livro é produto da reunião de trabalhos colhidos pelo Grupo de Pesquisa *Raízes e horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal*, da Faculdade de Filosofia da Universidade do Porto. O grupo promoveu em dezembro de 2009 um Colóquio sobre o movimento fenomenológico em Portugal e no Brasil cujos trabalhos deram origem a esse livro. A obra possui ensaios amplos que buscam captar o movimento geral do que conhecemos como diálogo com Husserl nos dois países e tem ainda estudos interpretativos de autores que se valeram da fenomenologia para pensar filosoficamente. Exemplo do primeiro caso são os textos de António de Brito, sobre o que se passa em Portugal, e os de Antônio Paim, Paulo Pozzebon e Creusa Capalbo, que analisaram, de forma geral, o diálogo com Husserl realizado no Brasil. Trabalhos devotados à obra de um pensador são os de: Clara Morando, António Braz Teixeira, Renato Epifânio, Manuela Martins, Manuel Pimentel, Nuno Freixo, André Barata e Constança Marcondes César.

O primeiro aspecto fundamental do pensamento de Husserl, isto é, a intencionalidade da consciência, é questão praticamente aceita pelos autores examinados. Os portugueses, contudo, de modo geral, tratam a intencionalidade como insuficiente para se chegar à essência da verdade e julgam necessário reconhecer o primado de uma inteligência absoluta (Deus). Esta não é uma questão que mereceu a mesma atenção dos brasileiros. O chamado mundo da vida, outra contribuição fundamental de Edmund Husserl, teve cuidadosa análise dos culturalistas brasileiros, notadamente de Miguel Reale. Há ainda outro aspecto que teve grande importância no Brasil: o entendimento da fenomenologia como método. Em tal condição seria usado por médicos e psicólogos como forma de abordar o mundo interior do paciente.

Do que tratam os trabalhos reunidos na obra? No texto inicial António José de Brito diferencia o legado teórico de Husserl do de Heidegger, destacando como fundamental no método fenomenológico do primeiro a redução de todo conceito e aceitação da forma direta, mediata e intuitiva do fenômeno. Brito entende que Cabral de Moncada foi o primeiro fenomenólogo português. Destaca ainda os contributos de Delfim Santos,

Miranda Barbosa e Joaquim de Carvalho. Do primeiro, destaca o reconhecimento do mínimo de realidade como ponto de afastamento de Husserl; no segundo, realça as críticas à insuficiência do método fenomenológico para superar o idealismo; do último, enfatiza a elaboração de um pensamento que abandona a concepção de filosofia como sistema e propõe uma história da filosofia orientada pela noção de relatividade histórica.

O capítulo seguinte traz o estudo de Clara Morando sobre Alexandre Fradique Morujão, um dos grandes conhecedores da obra de Husserl em Portugal. A autora destaca o esforço de Morujão no uso da fenomenologia como elemento de investigação do conhecimento, à semelhança do cogito cartesiano. Com o método de Husserl chega ao sentido do real, refletindo sobre o modo como o cogito se estrutura com objetos fenomênicos, “mas também eidéticos, universais e objetivos” (p. 28). Para Morujão, apenas a fenomenologia “nos poderia levar à verdade e ao sentido” (p. 29). Ele usa o método fenomenológico quando trata do velho problema do mundo em sua tese de doutoramento. Nela explica que, pela percepção, a consciência se abre aos outros “eus” e às coisas do mundo em geral, o que suscita a questão da objetividade do mundo. Trata a Filosofia “como o movimento que leva a sair da dúvida” (p. 37). Filosofar surge, então, como uma espécie de guia nesse horizonte que a fenomenologia identifica como temporal. Do diálogo entre as diferentes filosofias entende ser possível “o processo afetivo de superação dessa finitude individual” (p. 40) na constituição de um saber aproximativamente verdadeiro.

Em seguida, encontramos a análise de António Braz Teixeira sobre o realismo fenomenológico de Julio Fragata. Ele diz que, para o pensador, a Filosofia tem uma “função fundamentadora, a qual se referia, precisamente, à implicação meta-empírica de que se encontra latente” (p. 42). Tal forma de pensar promove a maior divergência com o pensamento husserliano porque ele fica no fenômeno ou na função cognitiva necessária de ser completada para atingir a realidade objetiva. Não lhe parece que isso basta, pois, a consciência humana finita nunca será suficiente para tratar a realidade. Ela só funciona dependente de um ser absoluto, único a possuir existência ôntica. Esse reconhecimento se coloca de forma complementar ao método fenomenológico.

No outro capítulo, Renato Epifânio examina a análise sobre o conhecimento na obra de José Marinho. Ele começa lembrando que, para o filósofo, “a existência humana é

axialmente dramática” (p. 57) e que cabe à Filosofia expressar “essa nossa condição” (p. 57). Não lhe parece que o método de Husserl ou a dialética resolva a questão do conhecimento, para o que propõe uma onto-fenomenologia que suplanta o caráter desesperado do discurso fenomenológico existencial. Ao pensar, o homem descobre Deus e o tomará como certificador da investigação cognitiva. Há, contudo, entre o homem e Deus uma cisão que os afasta, mas, paradoxalmente, é o elemento que potencializará a reaproximação. Desse modo, entende Marinho, a Filosofia superará os dilemas que acumulou na modernidade.

Segue-se o capítulo de Manuela Martins sobre Eduardo Soveral. Ela afirma que o ponto de partida do pensador é o problema do conhecimento, questão para a qual mobiliza a filosofia fenomenológica de Husserl e de seus continuadores. Pergunta-se se a gnoseologia fenomenológica funda a ontologia ou se seria dependente dela. A autora identifica na orientação fenomenológica de Soveral o limite maior de seu pensamento, quando parece estar nisso o adequado posicionamento ao lado do moderno.

Depois, encontramos o trabalho de Manuel Cândido Pimentel sobre Gustavo Fraga. Em meio a um testemunho interessante sobre a vida do pensador, afirma que Fraga usará a fenomenologia de Husserl para tratar os problemas de antropologia, ontologia e ética. Aponta uma afinidade entre o pensador e Karl Jaspers, notadamente em torno da questão do englobante. Mostra que Fraga terá do assunto uma interpretação própria quando fala da consciência que busca a verdade. Ele entende que a consciência subjetiva “se orienta para uma teologia onde o sentido do absoluto é determinante para um Deus que se revela como telos” (p. 88).

Em seguida, há o estudo de Nuno Freixo sobre o diálogo de Maria Manuela Saraiva com Husserl e Sartre, consistindo nele o elemento marcante de suas meditações fenomenológicas. Observa que a autora examina com atenção a teoria da imaginação de Husserl lembrando que os objetos-imagem constituem o problema que verdadeiramente preocupou o filósofo. Esse entendimento é que lhe permite reconhecer o vínculo da fenomenologia com sua herança transcendental expresso no reconhecimento de que “o sentido vem da consciência, não do mundo – e o mundo revestido de um sentido é o mundo tal como surge na consciência” (p. 95). Essa identificação é fundamental para entender a

obra de arte como manifestação do mundo. Quanto ao diálogo com Sartre, ele a leva a interpretação criativa da obra sartreana. Identifica três nascimentos no filósofo: o primeiro, em que rompe com o mundo dos adultos; o segundo, quando se entende destinado a tecer uma grande obra; o terceiro, já na fase adulta, em que aproxima o marxismo do existencialismo.

O último dos capítulos destinado ao estudo do movimento fenomenológico em Portugal foi escrito por André Barata e examina o legado de João Paisana. O ponto de partida do pensador é a ideia husserliana da Europa que Paisana adota como espaço de inclusão e não de exílio. No que se refere à fenomenologia, distingue a situação da tarefa hermenêutica. A segunda, ele esclarece, significa exprimir o conteúdo percebido em conjunto na primeira. Assim se chega ao saber objetivo. Barata explica que isso significa o reconhecimento da “validade comunicacional como antídoto (...) de uma validade teórica que entregue a si mesma, degrada o ente da nossa experiência à condição de ente isolado de todas as referências ao mundo das possibilidades humanas do ser no mundo” (p. 121).

Os capítulos seguintes tratam da fenomenologia no Brasil, começando com o balanço que Antônio Paim fez do movimento. Ele observa que o início do contato com a obra de Husserl ocorre nas Escolas de Direito. O diálogo começa com Evaldo Pauli, mas o destaque é Miguel Reale que se vale das noções de consciência intencional e *Lebenswelt* para criar a ontognoseologia, inserindo a consciência intencional no mundo da cultura. Ele também destaca o legado de Leonardo Van Acker que usou a fenomenologia para propor uma aproximação do tomismo com a filosofia contemporânea. Menciona ainda as reflexões de Creusa Capalbo e Machado Neto. Esses autores elaboram posição própria frente a problemas contemporâneos.

No capítulo que se segue, Constança Marcondes César examina o pensamento de Maria do Carmo Carvalho de Miranda para quem a ontologia heideggeriana representa um contraponto com o pensamento cristão. Constança destaca os estudos sobre o tempo, pois o problema do ser se revela “nos diferentes modos temporais” (. 143). Maria do Carmo interpreta com originalidade a ontologia heideggeriana. O problema do tempo constitui o eixo de sua meditação mais recente. A condição humana é examinada no livro *Aventura Humana* no qual a temporalidade “é o fio condutor que tece as contribuições de Jonas,

Bachelard, Marcel e Heidegger” (p. 147). Constança conclui o capítulo indicando que os textos de Maria do Carmo tiveram reconhecimento internacional.

Paulo Pozzebon faz um balanço da influência da Escola de Louvain no Brasil. Explica que a influência começa com Miguel Kruse que criou a Faculdade de São Bento e Charles Sentroul que popularizou o tomismo renovado de Louvain. Essa primeira etapa é concluída com Alexandre Correia e Carlos Lopes de Mattos. A segunda etapa segue-se à divulgação da obra de Husserl, depois da Segunda Guerra Mundial quando um número significativo de professores formou-se em Louvain com grande impacto no ensino brasileiro.

O último capítulo foi elaborado por Creusa Capalbo e faz um balanço da fenomenologia no Brasil. Ela destaca a compreensão culturalista de que “o mundo da cultura é o mundo objetivado pela intencionalidade do homem concreto brasileiro, como expressão de sua liberdade na época histórica em que vive” (p. 160). Creusa destaca os estudos fenomenológicos sobre a crise da sociedade ocidental, os estudos sobre a importância da língua e a fundamentação dos estudos psicológicos. Esses últimos renovam a compreensão do cogito incorporando a noção de inconsciente. Afirma: “a razão tem a sua parte de consciente e de inconsciente, de racional e de irracional, que formam em um só tecido o que é o cogito humano” (p. 115). Conclui afirmando que a psiquiatria brasileira foi renovada pelos estudos fenomenológicos, principalmente os realizados por Karl Jaspers e K. Schneider.

O livro oferece uma visão ampla dos rumos seguidos pelos estudos fenomenológicos no Brasil e em Portugal. Revela que a fenomenologia renova o pensamento tomista presente nas faculdades católicas de Filosofia nos dois países. O livro, igualmente, mostra como nos dois países, a fenomenologia estimulou o diálogo com os problemas contemporâneos. Ele indica como, em Portugal, a fenomenologia recompõe a discussão do problema de Deus. No Brasil, o destaque é para a ampliação do conceito de cultura e a transformação dos estudos de Psicologia. A fenomenologia é um movimento singular que pensa filosoficamente praticando a redução eidética. O propósito é purificar os fatos psicológicos de suas características empíricas para atingir as generalidades essenciais. Como mostramos em *Filosofia e Psicologia, o pensamento fenomenológico existencial de*

*Karl Jaspers*, o filósofo alemão usa a fenomenologia não só para meditar filosoficamente, mas por conta de sua condição de médico psiquiatra. No Brasil, entendeu-se que o método criado por Husserl permitia, como fez Jaspers, estruturar base conceitual sólida capaz de servir de fundamento para as ciências humanas, notadamente para a Psicologia. Psicólogos e psiquiatras ressentiam-se de um tal fundamento. Também foi fundamental a influência da fenomenologia no alargamento do conceito de cultura. Miguel Reale popularizou a tese de que o mundo da cultura é o mundo de valores objetivado pela intencionalidade do homem concreto. A cultura passa, então, a ser tratada como expressão da criação humana na época histórica em que vive.

*Prof. Dr. José Mauricio de Carvalho*  
(UFSJ – São João del-Rei – MG - Brasil)  
[mauricio@ufsj.edu.br](mailto:mauricio@ufsj.edu.br)

Data de registro: 03/12/2010

Data de aceite: 31/01/2011